

Discriminação a grupos sociais e étnicos: Patrimônio e multiculturalismo no sul de Mato Grosso durante o Brasil República

Caio Vinicius dos Santos¹

Resumo: Este trabalho visa apresentar o processo didático realizado durante a sequência didática com alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Padre João Tomes, localizada no bairro Vila Piloto/Três Lagoas. Nesta escola, há a atuação do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas. O referencial teórico utilizado baseia-se nas discussões realizadas a partir da disciplina de “Prática de ensino de História: multiculturalismo e culturas africanas e afro brasileiras”, além das discussões da Educação Histórica, promovidas nas discussões do PIBID. Os relatos apresentam a forma com que a sequência foi desenvolvida em sala de aula, demonstrando as possibilidades, que constam no planejamento, de como trabalhar com temas pouco debatidos em sala de aula, mesmo fazendo parte dos currículos e legislações educacionais. A problemática a ser desenvolvida na ação em sala de aula, foi abordar os diferentes grupos étnicos que fazem parte da cultura sul-mato-grossense, utilizando para tal, as relações com os elementos patrimoniais que caracterizam a cultura local. E de que forma, os alunos percebem-se como sujeitos atuantes neste espaço cultural. O problema didático visou contribuir com a desconstrução de estereótipos raciais, problematizando as discriminações que crianças e jovens convivem na sociedade, de forma que, tenham conhecimento de seu papel cidadão. Enquanto a metodologia empregada, optamos por utilizar a Educação Patrimonial, para que os alunos pudessem reconhecer e identificar situações corriqueiras em que a discriminação é latente, porém, despercebida por parte do indivíduo, no caso, os alunos.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de História; Multiculturalismo; Patrimônio Histórico.

Introdução

O objetivo da sequência didática foi compreender as questões étnicas e sociais, a fim de relacioná-las ao cotidiano do aluno, com a seguinte problematização: *Existe*

¹ Discente do Curso de História - caiosantos@gmail.com

discriminação onde eu moro? Desta forma, buscou-se no embasamento teórico da história subsídios para comparar motivos, narrativas e consequências da discriminação racial e cultural. Para tal, procuramos relacionar e confrontar com a situação atual em que o aluno vive. E para nortear a discussão, utilizamos as noções sobre o patrimônio local, para refletir sobre a abordagem multicultural em relação aos diversos tipos de discriminação. A possibilidade de trabalhar com *multiculturalismo* em sala de aula fez com que colocássemos em prática as discussões teórico-metodológicas, abordadas na disciplina de *Prática de ensino e de pesquisa em história: multiculturalismo, povos indígenas e diversidade*. Embora a abordagem da disciplina fosse ampla no que tange diversidade, conseguimos destacar para aprofundamento teórico, autores que discutem, desde as características centrais de multiculturalismo, até questões que envolvem a aplicabilidade do conteúdo em sala de aula. A reflexão crítica que fizemos durante a sequência, fora fundamentada em Gonçalves e Silva, ao compreenderem,

[...] por exemplo, que o multiculturalismo enquanto movimentos de idéias resulta de um tipo de consciência coletiva, para qual as orientações do agir humano se oporiam a toda forma de ‘centrismos’ culturais, ou seja, de etnocentrismos. Em outros termos, seu ponto de partida é a pluralidade de experiências culturais, que moldam as intenções sociais por inteiro (2006 p.11).

Ou seja, objetivamos no presente trabalho, apresentar os resultados obtidos através da apreensão de multiculturalismo, partindo do princípio de pluralidade, sociedade e diversidade, conforme apresentado por Gonçalves e Silva.

Verena Alberti contribuiu, metodologicamente, no cerceamento dos conteúdos, ao abordar a história africana como “um tema sensível a ser trabalhado em sala de aula”, como veremos a seguir.

Referencial teórico e a forma de avaliação da aprendizagem proposta:

Nas ações desenvolvidas em sala de aula, buscamos “construir a desconstrução” da discriminação social e o preconceito a grupos sociais e étnicos, tendo por caminho a aplicação de atividades didáticas e o uso de imagens e vídeos que ilustrassem situações corriqueiras dos alunos e, que passam despercebidas por sua criticidade. As quais

descreveremos no decorrer do texto. O *antropologismo tardio*², que visa apenas o envolvimento contemporâneo e linear da história, quase que positivista, a não ser pelas interações sociais contemporâneas, faz com que a memória do sujeito seja moldada e ensinada de forma antagônica, irrelevante pontual em seus aspectos, de forma negativa, que é debatido por Flores (2007). A metodologia trabalhada – Educação Patrimonial – buscou combater esse conceito de *antropologismo tardio*, de forma que, conforme Mattozzi,

O importante é que os conhecimentos sejam organizados para que sejam significativos para os estudantes; isto é, que respondam a problemas formulados ou compartilhados pelos discentes e que sejam usáveis para compreender o mundo atual e os outros conhecimentos históricos. (MATTOZZI, 2008.).

As análises do vídeo³ geraram diferentes debates entre os estudantes, uma vez que eles trouxeram elementos da sua realidade, fazendo um elo com o que propomos teoricamente. O referencial teórico⁴ contribuiu para que as explicações sobre o patrimônio cultural, a contribuição cultural afro e a resistência fossem realizadas de forma aprofundada, em que muitas vezes os estudantes apontam questionamentos que faziam parte de sua vida, o que nos fazia trazer exemplos que aconteceram ao longo da história, assim como mostrar as mudanças em torno do respeito, da tolerância, do direito, do dever de cada pessoa.

Nas formas de avaliação, consideramos então, várias atividades, em que cada fonte analisada: as imagens, os vídeos, os textos produzidos pelos estudantes, a música produzida por eles, tinham uma relação com as abordagens realizadas em cada aula.

Na sequência didática, apontamos algumas discussões sobre o que o multiculturalismo contribui para o entendimento das questões étnicas. Como por exemplo:

² Ver FLORES, Elio Chaves. Etnicidade e Ensino de História: a matriz cultural africana. In Revista Tempo, julho de 2007.

³ Filme: No calor da noite (1967).

⁴ Flores, Gonçalves e Silva contribuíram para fundamentar as questões sobre multiculturalismo, grupos sociais e diversidade, assim como Alberti, contribuiu com estratégias metodológicas para o ensino de história, no que se refere à cultura afro e etnocêntrica. Schmidt e Mattozzi fundamentaram a questão da prática de ensino de história voltada para a cognição situada, discutida por Schmidt. Por fim, Mattozzi foi fundamental para embasar a discussão sobre patrimônio e a dialética entre ensino e aprendizagem, voltada para o cotidiano dos alunos.

No dia 06/04/2015, começamos a aula – Eduardo e eu – com o seguinte questionamento: “O que vocês entendem por multiculturalismo?” Os alunos começaram a responder, como algumas respostas como, por exemplo: “Algo que tenha a ver com cultura”- “Música, professor”- “Tem a ver com arte?” E depois disso, para dar continuidade, escrevemos “multiculturalismo” no quadro e os separamos da seguinte forma, MULTI/CULTURA/LISMO. O objetivo do tema era elucidar os alunos sobre os aspectos da conjuntura em que vivem, proporcionando-lhes a possibilidade de observar a pluralidade cultural instaurada ao/aos meio/meios em que estão inseridos.

Após o debate com a turma, as crianças responderam, por exemplo:- **“Pessoas diferentes”**- **“Ah, um crente de um macumbeiro”**. Aproveitamos o início dos apontamentos sobre diferentes tipos de culturas, em que, os próprios alunos apontaram, e pedimos que falassem sobre diferenças que eles julgassem ser de culturas diferentes. Começaram as comparações- “Preto e o branco”. - “Rico e pobre”. - “Japonês e brasileiro”. - “Índio e homem branco”. Após essas respostas, anotamos no quadro as respostas que os alunos deram e indagamos quais as relações que essas culturas tinham. Foi **“batata”**. Uma aluna levantou a mão e disse: **“Uma não respeita a outra”**. Logo em sequência, outro, em meio aos burburinhos, alguém diz, **“Tem preconceito uma com a outra, professor”**. Aprender a atenção deles para pensar nessa resposta, levou pouco mais de alguns segundos para que retomassem a atenção. Mas logo a discussão voltou. Cada qual queria falar sobre a experiência mais próxima que conheciam (não o suficiente para que falassem de si).

Percebemos a dificuldade de definições para termos como “cultura”, mas a facilidade em realizar comparações, por parte dos alunos. Para Verena Alberti, algumas

questões são realmente sensíveis ao serem trabalhadas em sala de aula. A autora ainda afirma que:

Sem dúvidas estamos diante de temas identificados por alguns autores como “sensíveis” ou “controversos”, os quais, muitas vezes por isso mesmo, são evitados em sala de aula. O estudo da história de questões sensíveis se configura quando envolve uma injustiça, real ou percebida, ocorrida em relação a determinados grupos (ALBERTI, 2013, p.35).

Essa sensibilidade abordada por Alberti (2013) é a qual tentamos abordar na sequência desenvolvida em sala de aula. Por vezes, são temas pouco debatidos e/ou quase vistos pelos alunos, que, conforme seguem os manuais didáticos, não acompanham a criticidade e relevância de questões que os acompanham no dia a dia. Talvez por serem questões tão próprias do cotidiano do aluno, essas questões referentes a diversidade, não são abordadas em sala de aula, gerando, assim, dificuldade em definir, por parte dos alunos, as questões sociais, a diversidade, a pluralidade e o reconhecimento enquanto ser atuante na sociedade multicultural a qual vivemos e encaramos todos os dias.

Metodologia e os processos avaliativos.

Após planejar a sequência, iniciamos os trabalhos em sala de aula, em que propomos realizar atividades direcionadas com o tema proposto. As atividades propostas buscaram criar um aporte entre o cotidiano dos alunos e as condições sociais, geradoras do preconceito: a desigualdade.

Neste sentido, descreveremos as ações em sala de aula, bem como apresentaremos as atividades desenvolvidas pelos alunos durante o período da sequência. Em 07/04/2015, exibimos o filme “No Calor da Noite”, que fala sobre um jovem negro em uma cidade extremamente preconceituosa e que necessitam das habilidades de investigador do jovem rapaz negro para resolver um importante caso de assassinato que ali ocorrera. O filme contribuiu para lançar o debate sobre preconceito, discriminação e imparcialidade com os estudantes. Percebemos que:

Observamos que a curiosidade dos alunos fora despertada pelas primeiras cenas do filme. As roupas, o cenário, a linguagem e as

relações conforme apareciam, faziam os alunos a fazer comentários como **“Olha lá, só tem branco nessa cidade”** ou **“Nossa! Como é tudo diferente”**. No encontro seguinte, continuamos a exibição do filme. As indagações do primeiro dia de filme continuaram, porém as críticas se intensificaram. Os alunos começaram a questionar as atitudes dos policiais e das pessoas que moravam na cidade. Algumas comparações com a situação que vivenciam em relação à repressão. Os alunos se colocaram no debate, a maioria disse que não gostou porque foi por causa da forma com que trataram o Jovem Virgil Tibs, um jovem negro que foi acusado de um assassinato apenas por ter dinheiro na carteira e ser negro. Os que disseram que gostaram, deram por motivo, a forma com policial na comunidade em que vivem e que Tibs deu a volta e mostrou para todos da comunidade que estavam errados sobre o julgamento que fizeram sobre o jovem.

A partir do questionário diagnóstico, visamos perceber o que os alunos conseguiram exemplificar acerca de multiculturalismo, grupos sociais e as relações que existem entre culturas diferentes, porém, a dificuldade de conceituar e definir esses termos se fez presente. O questionário continha questões sobre o que vinha a ser o multiculturalismo, grupos sociais, diversidade e patrimônio, objetivando assim, analisar a compreensão dos alunos sobre esses termos. Desta forma, salientamos algumas respostas:

“Multiculturalismo é arte, música, dança” ou “Multiculturalismo são vários gêneros de músicas, comidas típicas da região, vestimentas do tipo: rock é mais pra cor preta e swag é um estilo mais na paz”. Em relação aos grupos sociais, as respostas, quando não eram “pessoas diferentes”, eram parecidas com essa: “Negros, brancos, ricos e pobres”.
(Narrativas dos alunos)

Diante das narrativas dos estudantes, fizemos um “mapa conceitual” com os termos “multiculturalismos” e “grupos sociais”. Segundo os estudantes:

“Grupos sociais são grupos de pessoas com características, pensamentos e condições iguais.” Cada grupo é formado por pessoas que pensam iguais. Os grupos são diferentes. Esses grupos podem estar em um mesmo lugar ou não. E multiculturalismo: Diversas culturas interagindo entre si e em um lugar só.

No dia 13/05/2015, como a ação que envolvia a aprendizagem histórica e o processo avaliativo, realizamos uma atividade com imagens. Para tal, dividimos a turma em grupos de 4 a 5 alunos. Para cada grupo foi sorteada uma folha junto de uma imagem. Cada imagem⁵ retratava um tipo de cultura ou situação diferente da outra, essas imagens foram recortadas de revistas e livros. Os grupos tiveram que dar um nome para a imagem, fazer uma descrição dos elementos que nela acharem relevantes e escrever uma história de forma que a imagem fosse o norteador da história.

Cada grupo expôs sua imagem e a história criada, referente a atividade do encontro anterior. Dentre as histórias apresentadas, uma foi a imagem do Robinho, jogador de futebol em uma imagem de 2009 comemorando um gol. O grupo nomeou a imagem com **“O sonho do menino”**. Na narrativa do grupo, disseram que Robinho era um menino negro, pobre e que morava na periferia e seu sonho era ser jogador de futebol. Robinho conseguiu o que muitos meninos pelo Brasil a fora não conseguem, uma oportunidade.

Outro trabalho mostrava a imagem de pessoas fazendo manifestação. O grupo intitulou a imagem como **“O protesto”**⁶. Disseram que eram professores que estavam com os pagamentos em atraso e foram para as ruas buscar pelos seus direitos e reivindicar melhorias no ensino. A intenção foi fazer os alunos interpretar as imagens e dialogar com os elementos que contenham a imagem, fazendo-os reconhecer outras maneiras de manifestação por parte dos grupos sociais.

Uma das imagens trazia o grafite de uma criança com máscara de ar e um pano de fundo cinza e segurando uma flor. Outra imagem mostrava uma criança em condições de miséria e no prato, no lugar de comida, uma bola de futebol. Contra a

⁵ As imagens traziam questões sociais como a desigualdade. Traziam, também, mobilizações sociais, reivindicações.

⁶ A imagem utilizada retratava várias pessoas organizadas em frente ao Planalto Central, em Brasília, com faixas e cartazes.

violência policial, uma menina revistava um oficial ao lado de um fuzil quebrado. Para expressar o quanto a aparência, não importa a imagem de uma mulher negra com o cabelo armado com escritos dizendo que não tem vergonha do seu cabelo, mas sim do preconceito das pessoas, foi exibida.

Após analisarmos as imagens, exibimos a letra de duas músicas e as colocamos para tocar. “*Racismo é burrice*” do cantor de rap Gabriel o Pensador e “*Não é sério*”, música da banda de rock Charlie Brown Jr, com participação de Negra Lee, também cantora. Da mesma forma que as imagens mostraram possibilidades para as manifestações e inquietações dentro da sociedade, as músicas também são um instrumento de manifestação cultural por parte da sociedade, e, nos casos apresentados, uma forma de dizer que as coisas estão erradas a partir do ponto de vista de que escreveu a letra da música.

No dia 09/06/2015, realizamos a atividade de análise de músicas, em grupos. Para cada grupo foi entregue a letra de uma música de cunho ideológico e social, retratando algum tipo de problema. Os alunos tinham que mobilizar o tema principal da letra da música, os problemas levantados e as soluções apresentadas⁷. Na ausência de soluções para esses problemas, os alunos poderiam escrever soluções a partir do ponto de vista do grupo, elencando as possibilidades para resolvê-los. Por fim, fechando o planejamento, os alunos apresentaram suas letras para os colegas da turma. Em linhas gerais, as letras circulavam em torno da desigualdade social, pobreza, violência policial e homofobia. Os alunos conseguiram, a nosso ver, construir a noção de respeito e de igualdade perante a sociedade, sem distinção de classe, etnia e cor.

A partir das análises realizadas no processo das sequências didáticas, percebemos que a turma possui alunos de faixa etária diversa, variando entre 12 e 16 anos. A turma possui alunos com laudo médico referente à dislexia e agressividade, situações essas que a professora da turma nos auxiliou durante as atividades. Essa divisão da turma em grupos fez com que a necessidade de apreender a atenção fosse voltada para o grupo e não para um aluno em específico, salvo algumas exceções. Em linhas gerais, alguns alunos possuem dificuldades na aprendizagem, mas todos

⁷ As músicas utilizadas em sala de aula, para a realização da atividade foram as seguintes: Negro Drama - Racionais Mc's; Polícia – Titãs; Que país é esse – Legião Urbana.

colaboram, prestaram a atenção nas aulas e participaram das atividades propostas. São extremamente participativos e possuem o hábito de perguntar e colaborar.

Resultados Alcançados/ minha postura como futuro/a professor/a na aula de história

É possível perceber que uma metodologia específica não se faz dominante em todas as aulas, muito menos para cada turma. Mas percebo que a interação entre professor e aluno se faz por meio do respeito – respeite para ser respeitado –, assim, o diálogo se faz necessário para melhor relação entre as partes. Partindo desse pressuposto, fazer uso de linguagem clara, atividades que saem do básico (que é o que o aluno sempre espera encontrar ao chegar à sala de aula). Atitudes para momentos específicos de balburdia e descontrole da situação, por mim, devem partir de um tom de voz firme que não seja necessariamente um grito ou tom alto de voz. Da mesma forma que não gosto de ouvir gritos, os alunos também não devem gostar, além do que já devem se confrontar com situações corriqueiras que envolvam situações de imposição, pressão e até de violência. A sala de aula não tem espaço para essas atitudes. Penso que como professor, devo deixar isso bem claro em nossas relações.

Referencial Bibliográfico:

ALBERTI, V. **Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira.** In: Pereira, Amilcar Araujo; Monteiro, Ana Maria. (Org.). Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, v. 1, p. 27-55.

FLORES, Elio Chaves. Etnicidade e Ensino de História: a matriz cultural africana. In Revista Tempo, julho de 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF, Jaques. História e memória. Campinas: Unicamp, 1994.

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de História e educação para o patrimônio.** Educ. rev., Belo Horizonte, n.47, p.135-155, jun. 2008; Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982008000100009>. Acesso em 19 out. 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cognição Histórica situada: que aprendizagem histórica é esta?** In: BARCA, Isabel & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.) *Aprender História: Perspectivas da educação histórica.* Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. pp. 21-51

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto Políco-Pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização.** 18ª ed. São Paulo; Editora Libertad, 2008.

WACHOWICZ, Lilian Ana. **O método dialético na didática.** 3. ed. Campinas: Papirus. 1995.